

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA – ILEEL

WILLIAM LINCOLN DA COSTA SANTOS

**UMA LOJA, DOIS QUARTOS: PODER E SEDUÇÃO EM *DOIS IRMÃOS*, DE
MILTON HATOUM**

Uberlândia

2025

WILLIAM LINCOLN DA COSTA SANTOS

**UMA LOJA, DOIS QUARTOS: PODER E SEDUÇÃO EM *DOIS IRMÃOS*, DE
MILTON HATOUM**

Trabalho de Conclusão de Curso de Letras
Português e Literaturas de Língua Portuguesa:
Licenciatura, ao Instituto de Letras e
Linguística da Universidade Federal de
Uberlândia, para conclusão do curso.

Orientador: Profº Drº Leonardo Francisco
Soares

Uberlândia

2025

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S237 Santos, William Lincoln da Costa, 2003-
2025 Uma Loja Dois Quartos: [recurso eletrônico] : Poder e Sedução
em Dois Irmãos de Milton Hatoum / William Lincoln da Costa
Santos. - 2025.

Orientador: Leonardo Francisco Soares.
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Uberlândia, Graduação em Letras: Português e
Literaturas de Língua Portuguesa.
Modo de acesso: Internet.
Inclui bibliografia.

1. Linguística. I. Soares, Leonardo Francisco ,1974-, (Orient.). II.
Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Letras:
Português e Literaturas de Língua Portuguesa. III. Título.

CDU: 801

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



ATA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO - GRADUAÇÃO

Graduação em:	Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa			
Defesa de:	Trabalho de Conclusão de Curso			
Data:	26/09/2025	Horário de início:	14h00	Horário de encerramento:
Matrícula do(a) Discente:	12211LET015			
Nome do(a) Discente:	William Lincoln da Costa Santos			
Título do Trabalho:	<i>Uma loja, dois quartos: poder e sedução em Dois irmãos, de Milton hatoum</i>			

Às quatorze horas do dia 26 de setembro de 2025, reuniu-se em sessão pública, na sala 1U-209 do Instituto de Letras e Linguística, no campus Santa Mônica da Universidade Federal de Uberlândia, com transmissão também pelo Google Meet, a Banca Examinadora composta pelos(as) Professores(as): Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU), presidente e orientador do candidato; Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU); e Prof. Dr. Israel de Sá, do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (ILEEL/UFU).

Iniciando os trabalhos, o presidente da mesa, Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato, agradeceu a presença do público e concedeu ao discente tempo para a exposição do seu trabalho. A seguir, o presidente concedeu a palavra aos examinadores, que passaram a arguir o candidato. A duração da apresentação do discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do curso. Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o candidato William Lincoln da Costa Santos:

APROVADO, com a nota 90.

Nada mais havendo a tratar, foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que, após lida e achada conforme, foi assinada pela Banca Examinadora.

Uberlândia, 26 de SETEMBRO de 2025.

Leonardo Francisco Soares

Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares

William Lincoln da Costa Santos

Profa. Dra. Carolina Duarte Damasceno Ferreira (ILEEL/UFU)

Israel de Sá

Prof. Dr. Israel de Sá (ILEEL/UFU)

Dedico este trabalho a minha avó. Graças a ela tenho a imagem de uma Manaus de fruição em minha memória. Obrigado minha Sherazade da infância.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador no TCC, o Profº Drº Leonardo Francisco Soares, por toda sua orientação, conselhos e paciência nesse processo de escrita da pesquisa e por todas as orientações no decorrer da graduação, auxiliando em minha formação como professor pesquisador.

Faço um agradecimento especial à Profª Drª Carolina Duarte Damasceno Ferreira por contribuir para o meu desenvolvimento como leitor e escritor crítico mais atento e ao Profº Drº Israel de Sá pelas orientações sobre os textos de Foucault. É uma honra tê-los como leitores deste trabalho.

Gostaria de estender meus agradecimentos a outros professores presentes na minha formação, em especial, Fabio Figueiredo Camargo, Maria Ivonete Santos Silva, Carmen Lucia Hernandes Augustini e Tatiane Galdino da Silva. Agradeço também a Universidade Federal de Uberlândia e ao Instituto de Letras e Linguística da universidade pela oportunidade de cursar uma graduação tão rica, pública e gratuita.

Também gostaria de agradecer aos colegas de curso, com os quais me inspiro muito e os vislumbro como futuros pesquisadores e amigos queridos: Gabriel Pires Gonçalves, Camilla Caetano Lemes e Eduardo Silva Macedo. Outros amigos importantes são o coletivo Capoeira Angola Malungo e por último Annakin sem você não teria recursos para a escrita deste trabalho muito obrigado por todo seu amor e carinho.

Por fim, agradeço minha família por ter me dado a oportunidade de sair da cidade de Manaus e cursar Letras na Universidade Federal de Uberlândia. Agradeço meus pais Dorinilce Pantoja da Costa Santos e Ademar Lincoln de Lima Santos, por serem pais tão amorosos, minha irmã Yasmim da Costa Santos, e por último minha avó Amarinilce Pantoja.

Cada vez que tento analisar um texto que me deu prazer, não é a minha “subjetividade” que volto a encontrar, mas o meu “indivíduo”, o dado que torna meu corpo separado dos outros corpos e lhe apropria seu sofrimento e seu prazer: é meu corpo de fruição que volto a encontrar.

BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*

RESUMO

Este trabalho aborda como o espaço é capaz de compor a trama no romance *Dois Irmãos*, do autor manauara Milton Hatoum, publicado em 2000. O objetivo da pesquisa é traçar um recorte capaz de mostrar o paralelo entre a trajetória da personagem Halim, patriarca da família, e de sua filha Rânia, usando o espaço como guia de leitura. Para isso, o trabalho apresentará a relação desses personagens com dois espaços: seus quartos e a loja da família, dando foco a como as personagens exercem seu poder e sedução nesses espaços. Este texto tem como embasamento teórico: (PERRONE-MOISÉS 2000 e 1990; PELLEGRINI 2004; BRANDÃO 2005 e 2013; MACHADO 1979; FOUCAULT 2009. BARTHERS 2004). A metodologia deste trabalho consiste em apresentar a interação dos elementos personagem e espaço a partir de Halim e Rânia, primeiro: abordando os espaços do pai: seu quarto, a loja e os bares do bairro Educandos, mostrando como, no decorrer do romance, a queda de seu poder nas relações familiares se relaciona com a perda dos espaços; depois abordar os espaços da filha: seu quarto, a loja herdada do pai e os relatos de Nael, mostrando como a sedução é um elemento importante para o desenvolvimento da personagem e de seus espaços. Para lidar com a noção de espaço, dialogase com Luis Alberto Brandão e Micheal Foucault, enquanto os temas poder e sedução são pensados a partir de textos de Roberto Machado, Roland Barthes e Leyla Perrone-Moisés, embora as três noções e as teorias às vezes se interpenetrem. Os resultados deste estudo, por fim, visam demonstrar como o espaço do romance contribui na construção das tramas, na constituição dos personagens e, sem perder de vista, com essa leitura, a perspectiva de a análise literária chegar também em seu espaço de fruição.

Palavras-chaves: *Dois Irmãos*. Milton Hatoum. Espaço literário. Poder. Sedução.

ABSTRACT

This paper explores how space shapes the plot of the novel “The Brothers” (2000), written by Manaus-born author Milton Hatoum. The objective of this research is to draw a parallel between the trajectory of Halim, the family patriarch, and his daughter Rânia, using *space* as a reading parameter. In order to accomplish this goal, the paper will present the relationship between these characters and two spaces: their bedrooms and the family store, focusing on how they exercise their power and seduction in these spaces. This text is theoretically based on: (PERRONE-MOISÉS 2000 and 1990; PELLEGRINI 2004; BRANDÃO 2005 and 2013; MACHADO 1979; FOUCAULT 2009; BARTHERS 2004). The methodology of this work consists of presenting the interaction between the elements of character and space based on Halim and Rânia. First by addressing the father's spaces, his room, the store, and the bars in the Educandos neighborhood, showing how, over the course of the novel, the decline of his power in family relationships is related to the loss of these spaces. Then addressing the daughter's spaces, her room, the store inherited from her father, and Nael's tales, showing how seduction is an important element in the development of the character and her spaces. To address the notion of space, Luis Alberto Brandão and Micheal Foucault are discussed, while the themes of power and seduction are considered based on texts by Roberto Machado, Roland Barthes, and Leyla Perrone-Moisés. Although the three notions and theories sometimes overlap, the results of this study ultimately aim to demonstrate how the space of the novel contributes to the construction of plots, the formation of characters, and, without dismissing this interpretation, the perspective of literary analysis to reach its space of fruition.

Keywords: *The Brothers*. Milton Hatoum. Literary space. Power. Seduction.

SUMÁRIO

UMA FAIXADA, DUAS PORTAS	11
DONO DA LOJA: QUARTO DE PODER.....	20
HERDEIRA DA LOJA: QUARTO DE SEDUÇÃO	29
FIM DA VISITA AOS QUARTOS E À LOJA	39
REFERÊNCIAS.....	42

1) Uma faixada, duas portas

Halim se aborreceu disse que tu eras alguéém, filho da casa...

HATOUM, Milton, *Dois Irmãos*

Manaus, a cidade dos Barés, um espaço no qual o dualismo é compositor do cenário. Seja pela proximidade do Encontro das Águas, nome dado para o encontro entre o rio Negro e o rio Solimões. Ou pela dicotomia do centro histórico que guarda belezas da época do auge da borracha como o Teatro Amazonas, a igreja Matriz, o Mercado Adolfo Lisboa ou a Praça da Saudade em contraste com o cenário extremamente urbano dos bairros, shoppings e fast-foods com inspirações estadunidenses, estruturas que gritam o (pós-)moderno na capital amazonense.

Também a presença forte do maior bioma do mundo, uma densa floresta que encanta com sua fauna e flora diversa entrando em contato com o urbano dos arranha-céus, ônibus, bares, restaurantes, grafites, poluição e indústrias da zona franca de Manaus. Ou a rica cultura e saborosa culinária local que une as diversas influências de povos caboclos, indígenas, europeus e africanos. Manaus é uma cidade composta de dualidades e de multiplicidades, um espaço urbano florestal no qual nenhum lugar tem somente um significado. O espaço da capital do Amazonas conta a sua história em cada bairro e construção que o estrutura.

Apenas uma cidade com tais dualidades seria capaz de ser cenário tão rico para um romance que conta a estória de gêmeos tão diferentes. Não só isso, mas a estória de um menino tão dividido pela ambiguidade da identidade de seu pai. A estória de uma família de descendência dupla, Manaus, Libano, islamismo e catolicismo. A cidade é, portanto, o espaço perfeito para abranger o romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, e a categoria espaço é um importante meio para compor a narrativa e conduzir a leitura do romance, publicado no ano de 2000.

A primeira vez que entrei em contato com o texto de Milton Hatoum foi através da sala de aula. No caso a professora de literatura passou alguns trechos do romance, pois a Rede Globo de televisão acabara de anunciar a adaptação da obra no formato de uma minissérie.¹ Na época

¹ A minissérie *Dois Irmãos* foi exibida de 9 a 20 de janeiro de 2017, a adaptação ficou a cargo de Maria Camargo e a direção geral e artística de Luiz Fernando Carvalho. Além da minissérie a obra também foi adaptada para quadrinhos, de título homônimo, no ano de 2015 por Fábio Moon e Gabriel Bá.

Manaus estava em uma espécie de êxtase “ufanista” uma obra de um autor local seria adaptada pela maior emissora de televisão do país e todos aguardavam entusiasmados.

Lembro de assistir os dois primeiros episódios e achar lindo os cenários e figurinos, porém o que mais me chamou atenção foi o embate dos dois irmãos. A trama de Omar e Yaquib me impressionou: como dois gêmeos poderiam se odiar tanto? Quais seriam os desfechos dessa trama familiar? Tudo isso me encantou, mas como um adolescente qualquer, desocupado e “enfermamente jovem”, logo me desinteressei e esqueci completamente da trama dos gêmeos até o processo final da graduação.

No decorrer do curso de Letras, realizei um processo de iniciação científica sob a orientação do Prof. Dr. Leonardo Francisco Soares e pesquisei o livro *Esaú e Jacó* de Machado de Assis. Mais uma vez a intriga de gêmeos cruzou meu caminho, dessa vez nos rios acadêmicos. Então ao decidir qual seria o objeto do meu Trabalho de Conclusão de Curso voltei minha atenção novamente para a obra de meu conterrâneo Milton Hatoum dessa vez não mediado pelo audiovisual, mas me voltando para o romance, a obra original, não a adaptação feita pela Rede Globo. Decisão mais que apropriada, pois o texto de Hatoum me acertou como uma flecha e me fez sentir toda a fruição de sua literatura, me encantando por seus espaços e personagens.

O encanto pelo espaço não foi algo que apenas me tocou como leitor oriundo de Manaus, mas também foi destacado pela professora e pesquisadora Leyla Perrone-Moisés, que se admirou principalmente com a cidade flutuante. Essa antiga cidade que existia dentro de Manaus também é algo que encanta o leitor que não conhece a cidade ou a história dela, o que pode ser observado na resenha da crítica brasileira, publicada na Folha de São Paulo no dia 12 de agosto do ano 2000:

Assim como a vegetação equatorial, na qual as plantas estão permanentemente morrendo e florescendo, numa mistura de podridão e verdor, a cidade de Milton Hatoum é uma ruína pululante de vitalidade. O cheiro da floresta ali se mistura com o cheiro de lodo. A Cidade Flutuante, bairro de palafitas cuja destruição é narrada no fim do romance, poderia ser uma metáfora dessa cidade suspensa na memória do romancista, cidade cujas misérias ele desejaría esquecer, e de cujos encantos ele se mantém cativo.²

² PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 12 ago. 2000, Caderno de resenhas, p. 7.

A vegetação que encanta a Perrone-Moisés está fortemente presente no romance, infelizmente não é mais a mesma na Manaus de tempos modernos onde passei minha infância e adolescência. O igarapé no qual os gêmeos tomam banho no início do livro não existe mais, tomado pelo lodo e a poluição dos avanços industriais. A prisão perto dele, na qual Omar zomba dos presos, é uma construção abandonada perto do porto de Manaus, não aprisionando mais ninguém nem mesmo os rato e baratas que moram hoje lá. Se já em *Dois irmãos*, Manaus é uma cidade de ruínas, atualmente elas se multiplicaram.

A cidade descrita por Hatoum não é a mesma da atualidade e nem se parece com a da data de publicação do romance, muito menos deve ser idêntica à cidade dos anos 20, 40 ou 60, descritas pelo autor. No entanto, é nessa cidade ficcional que o prazer do texto e da literatura se encontram: o autor manauara não precisa descrever uma Manaus real sua cidade é a ficção. Ficção essa que é narrada pelas memórias de um personagem para outro: de Halim para Nael, que é o escritor das memórias do romance, ele conhece a cidade antiga através das histórias de sua família, mas principalmente de seu avô.

Outro trabalho interessante de se analisar sobre a importância do espaço é o artigo de Tania Pellegrini, Professora Emérita da Universidade de São Carlos, intitulado de “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado”. A pesquisadora também explora a região amazônica, mas no caso do artigo, o recorte da leitura é a aproximação com o regionalismo:

É a esse tipo de situação que responde o regionalismo de Hatoum: lançando mão das contribuições das matrizes literárias urbanas clássicas, modernas e contemporâneas, já incorporadas, e à sua luz revendo os conteúdos regionais, compõe um tecido rico no seu hibridismo, que conserva vivas todas as suas fontes e é capaz de continuar transmitindo a herança delas recebida.³

Como filho da casa, Manaus, essas questões regionalistas e os encantos do cenário amazônico não me dão prazer da mesma forma como é expressa nesses dois estudos críticos. Conheço a cidade desde que nasci, no ponto de vista profissional a trajetória de Yaquib se parece mais com a minha. Jovem saio de Manaus para explorar o sudeste, no meu caso Minas Gerais.

³ PELLEGRINI, Tania. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado Pellegrini. *Luso-Brazilian Rev.*, v. 41, n. 1, 2004, p. 121-138.P.135.

Então ao ler esses textos e o romance, o cenário não é algo que me leva à fruição maior, mas apenas desperta uma leve curiosidade de saber como eram os antigos bairros da cidade, como o bairro da Cachoeirinha onde estudei meu ensino fundamental que no romance é apenas um amontuado de barracas.

Porém a personagem com quem realmente me relaciono e me faz querer mudar a perspectiva de como abordar este trabalho é o narrador dos relatos Nael. O neto de Halim assim como eu convive com duas cidades de Manaus na cabeça, a cidade dos relatos do avô e a cidade em que ele mora, as ruas que vê, indo à escola ou fazendo suas entregas para Zana. No meu caso, a Manaus que conheço também é uma cidade de duplas memórias e histórias que escutava de minha avó, minha Sherazade da infância, uma Manaus onde todos os igarapés são rios convidativos, os bairros do Dom Pedro, da Alvorada e da Aparecida têm personagens e lugares característicos e principalmente de festas e danças em clubes noturnos.

Em contraste a essa Manaus ficcional da minha avó e de Hatoum existe a minha capital agitada do século XXI, das feiras movimentadas, da violência urbana, dos igarapés poluídos, que são hoje apenas lembranças do que já foram no passado, e dos bairros do Parque 10, Chapada, Japiim e Cachoeirinha, menos convidativos e mais um retrato do atual contexto urbano da capital do Amazonas. Então, sim, o espaço de Manaus construídos em minhas memórias, assim como da personagem Nael, é de uma cidade das próprias experiências e das experiências de familiares. Por isso que em minha pesquisa, desci voltar meu recorte a essas relações familiares, às margens da trama não necessariamente a seus pontos principais.

As diversas vozes e lembranças do romance também são foco de um outro professor pesquisador, Luis Alberto Brandão em seu texto “Vozes estranhas. O imaginário linguístico: Milton Hatoum”, nesse trabalho o autor foca mais na presença dessas vozes que cortam os dois romances de Milton Hatoum *Relato de um certo Oriente* e *Dois Irmãos*:

Relato de um Certo Oriente e Dois irmãos, romances de Milton Hatoum, apresentam em suas páginas finais, reflexões a respeito dos vínculos e estranhamentos entre fala e escrita, voz e registro, perdas e ganhos de sentido. [...] Dois aspectos vêm à tona nesse questionamento. O primeiro refere-se à impossibilidade de transcrição das falas. O uso da língua revela-se como um conflito permanente e insolúvel entre fala e escrita, entre fluxo oral e registro impresso.⁴

⁴ BRANDÃO, Luis Alberto. Vozes estranhas. O imaginário linguístico: Milton Hatoum. In: _____. Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora, 2005. P.111

O texto de Luis Alberto Brandão mostra como diversas vozes de diversos personagens ajudam a compor esses romances, dando um maior foco para *Relato de um certo Oriente*, publicado em 1989, onze anos antes que a obra que é nosso objeto. Esta pesquisa também vê em seu recorte os personagens como parte importante do romance, porém não dá uma focalização específica para as vozes dos relatos do romance *Dois irmãos*.

Ao apresentar essa pequena bibliografia crítica – Milton Hatoum possui uma vasta fortuna crítica, que seria impossível contemplar no período de realização desta monografia⁵ – é possível observar duas coisas, o destaque para o espaço, sendo a cidade ou características regionais, e a forte presença das vozes dos personagens que cercam esse relato. Meu trabalho também pretende abordar o espaço, porém, ao invés do gigantesco espaço da cidade de Manaus, eu me volto para dois quartos e um loja. Quanto às personagens do romance, a pesquisa também pretende abordá-las só que com um recorte em duas figuras: Rânia, a filha caçula, e Halim o patriarca da família e suas relações com esse espaço familiar. Saliento mais uma vez que esta pesquisa opta por se voltar para personagens que tangenciam a história principal dos irmãos Omar e Yaquib.

Primeiramente, antes de apresentar de forma concreta minha perspectiva crítica, é importante dizer o quanto complexa é a definição de espaço. Espaço é um conceito que aparece em diversas áreas do conhecimento seja a geografia, a física, a matemática, a filosofia e a literatura, e em todas essas áreas o espaço aparece como um ponto, um elemento importante. Então para dar sustentação teórica a um conceito tão vasto como espaço me pauto no livro Teoria do Espaço Literário, de Luis Alberto Brandão, que como visto anteriormente é leitor de Milton Hatoum. O teórico e crítico debruça-se sobre os diversos conceitos de espaço trazendo uma análise histórica e estrutural sobre o tema. Ao falar sobre a complexidade do tema principalmente na literatura Luis Alberto Brandão afirma:

É claro que conhecendo-se o contexto de uso da expressão espaço literário, certas significações atribuídas ao termo espaço podem ser depreendidas. Ressalte-se, contudo, que o trabalho contextualizado, ao invés de refutar ou dissipar a variabilidade das significações, na verdade acaba por confirmá-la e realçá-la.⁶

Então utilizando o texto do pesquisador brasileiro como balizador das ideias de espaço na minha monografia, pretendo mostrar como esse conceito é capaz de ressaltar pontos da trama

⁵ É importante ressalta que no dia 14 de agosto de 2025, Milton Hatoum foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, agora assumiu a Cadeira 6, o que pode contribuir para que mais estudos se voltem para sua obra.

⁶ BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013.P.3.

do romance *Dois irmãos*. Fugindo, assim, da ideia comum de uma leitura sobre a categoria espaço apenas como uma espécie de sinônimo de cenário em que os personagens habitam, ressalta sua variabilidade de significações apontadas pelo pesquisador brasileiro.

Um texto que também complementa as ideias de espaço nesta pesquisa é o famoso “Outros Espaços”, do filosofo francês Michael Foucault. No texto de Foucault, o conceito que mais ajuda a entender esses espaços de Milton Hatoum são as heterotopias, essas utopias reais criadas por nós – seja na arte ou na vida – e problematizadas pelo filosofo. No caso as heterotopias que esta pesquisa analisa no romance são os quartos de Rânia e de Halim e a loja que os dois compartilham em diferentes momentos da narrativa.

Esta monografia nasce do meu interesse e carinho pelo espaço, mas no caso específico do espaço familiar, e pelo prazer que os personagens me dão ao longo da leitura desse romance. Então esta pesquisa pretende abranger a relação espaço personagem e apontar como os dois elementos juntos se complementam para a análise de *Dois irmãos*. Não enxergando o espaço somente como um cenário, mas desenvolvendo uma abordagem que o lê como um elemento essencial. Ainda nas palavras de Luis Alberto Brandão:

Espaço é sinônimo de simultaneidade, e é por meio desta que atinge a totalidade da obra. Em tais abordagens, o desdobramento lugar/espaço se projeta no próprio entendimento do que é a obra. Por um lado, a obra é constituída de partes autônomas, concretamente delimitadas, mas que podem estabelecer articulações entre si- segundo, pois uma concepção relacional de espaço. Por outro, exige-se a interação entre todas as partes, algo que lhes concede unidade, a qual só pode se dar em um espaço total, absoluto e abstrato, que é o espaço da obra.⁷

Esta pesquisa então vê o espaço como sinônimo de simultaneidade, uma simultaneidade que ultrapassa apenas o conceito do espaço físico. Para a leitura do romance vista neste trabalho o espaço está nessa unidade total, uma unidade que permite uma fruição total do contato com o corpo textual, no qual os espaços contam a estória de *Dois irmãos*. Sendo essenciais para a composição de seus personagens.

Os cenários e personagens escolhidos serão lidos a partir de um certo recorte. A personagem Halim e seu quarto serão lidos como sua representação de poder paterno e matrimonial. Debatendo-se com esse lugar de patriarca, ele vai exercendo seu poder e o

⁷ BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013. P. 61-62.

perdendo ao mesmo tempo em que sua influência no espaço de seu quarto e loja diminui. O primeiro capítulo que tem como foco a figura do pai dará uma ênfase às relações de poder familiares, como material teórico usarei, em especial, o texto do filosofo Roberto Machado, “Por uma genealogia do poder”, mostrando como a personagem exerce seu poder através do sexo, da força e da narrativa.

No entanto o espaço e a personagem que mais me atraiu para essa leitura da obra de Milton Hatoum foi a irmã caçula dos gêmeos, a sedutora Rânia. A sedução presente na personagem foi o que me deixou em estado de fruição. Quase como o sultão de *As mil e uma noites* foram suas “promessas e encantos e amavios”⁸ nos aniversários de sua mãe Zana, que me seduziu, desviou, como um de seus pretendentes. Então fiquei pensando como seu quarto individual também constrói sua imagem sedutora, para também exercer um certo poder através da resistência ao meio familiar e social.

Assim, no segundo capítulo, para argumentar sobre sedução utilizei o texto “Promessa, Encantos e Amavios” de Leyla Perrone-Moisés, mostrando como Rânia é uma sedutora no seu corpo e no texto do narrador Nael. Além desse texto também trarei o livro o *Prazer do texto*, de Roland Barthes para debater essa construção de fruição e prazer que o texto, a personagem e seu espaço gerem nas outras personagens do romance.

Além dos quartos, o outro espaço abordado na pesquisa é partilhado pelas duas personagens, o espaço da loja. Para Halim o comercio é um refúgio para lidar com sua falta de poder dentro do seio familiar depois do nascimento dos gêmeos. No caso de Rânia, a loja é uma forma de resistência em relação às estruturas sociais de ser a filha mulher, um espaço heterotópico para duas personagens, mas que tem objetivos diferentes e destinos opostos, para uma decadência e para a outra ascensão.

Portanto, ao trazer esse tipo de leitura nos espaços subjetivos dos personagens pretendo mostrar como a obra de Milton Hatoum constrói uma relação intima entre personagens e espaços. O espaço na trama dos personagens não são simples cenários, mas estruturas físicas que representam seus estados psicológicos e significados dentro da casa e da sociedade. Lembrando também que não só para essas duas personagens o espaço faz essa função, Nael é dito como filho da casa, Zana escolhe o espaço onde morrer e Omar rejeita seu espaço. Porém o recorte por essas duas personagens vem pela partilha do espaço da loja e a forte conexão delas com seus quartos.

⁸ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Promessas encantos e amavios. In: _____. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.p.13-20.

Dessa forma a entrada dentro desses quartos feita por esta pesquisa também é a entrada na psique e relações de duas personagens que influenciam muito o discurso do narrador de *Dois Irmãos*. Porque é através delas que Nael tem prazer e fruição carnal e textual. Assim ao analisar persoangens a margem do foco principal do romance [esta](#) pesquisa pretende mostrar o quão rico é o texto de Milton Hatoum.

2) Dono da Loja: Quarto de Poder

“Voltar para a terra natal e morrer” Suspirou Halim.
“Melhor permanecer, ficar quieto no canto onde
escolheu viver”

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*

Ao entrar dentro do quarto deste capítulo é primeiramente importante explicar sobre como este trabalho pretende abordar a temática do poder. Como o conceito de espaço – e como a maioria dos conceitos que atravessam e são atravessados por esta pesquisa - a palavra poder também é de significado e representação complexa. Por isso para pautar esse tema trago o texto “Por uma genealogia do poder”. O filosofo Roberto Machado, em sua introdução aos estudos de Michel Foucault sobre a temática, afirma:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação.⁹

Então ao ler poder como uma relação e uma estrutura social, abordarei a forma de representação desse conceito em relação com o desenvolvimento da personagem patriarca da família, Halim. A figura do pai já significa algo em nosso senso comum, nele o homem da casa é o que prove o alimento e as roupas, o centro da família, o protetor da casa. Logo, o sujeito que nessa relação exerce o poder. Entretanto no caso de Halim não vemos uma trajetória de um patriarca que pratica seu poder, mas sim de um homem que joga o jogo das relações de poder como em um jogo de dados, podendo sair derrotado ou vitorioso. Porque no desenrolar do romance a influência que o pai dos gêmeos exerce na casa diminui à medida em que vai envelhecendo, algo que fica perceptivo através de sua relação com os espaços de seu quarto e da sua loja.

Em seu passado – que está espalhado pelas lembranças e anotações de Nael, narrador e seu neto – Halim era um jovem vendedor, e apaixonado por Zana a filha de Galib dono do restaurante Biblos. Nos tempos de mocidade o patriarca da família não aparenta ser nada

⁹ MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.P. XVI.

poderoso, pelo contrário é um homem tímido e pouco culto. O jovem vendedor só tem coragem de lançar seu primeiro passo/dado quando o poeta e amigo Abbas o convence a tentar expor seu amor por Zana:

Depois chegou Abbas, ainda sóbrio, mas animado com outras encomendas de gazais. Bateu nas costas de Halim: “E então paisano? Que cara é essa”. Abbas, diante da ameaça de um fracasso, cochichou no ouvido do amigo: “Os gazais são convincentes, a paciência é poderosa, mas o coração de um tímido não conquista ninguém”¹⁰

Portanto, o primeiro dado jogado na relação de poder de Halim é o da sedução de Zana, exercendo seu poder no âmbito social e no papel de homem, ao tentar conquistar o amor da filha de Galib. Nesse romance sedução e poder têm uma relação muito próxima, muitas vezes as personagens exercem seu poder por meio dos jogos de sedução – algo que poderá ser mais bem observado no próximo capítulo – Halim torna-se ativo em seus desejos nesse momento, mostrando que está começando a disputar o jogo de poder social da conquista que um homem deve fazer a uma mulher, entretanto ainda com a ajuda de Abbas, o poeta.

Mesmo saindo vitorioso no jogo da sedução e se casando com Zana, Halim acaba vivendo aos caprichos da esposa, morando na casa em que ela cresceu e efetuando o matrimônio segundo os termos da mulher, diante do altar de Nossa Senhora do Libano. Como se pode observar, o marido Halim não era figura que exercia o poder esperado de um esposo no senso comum da sociedade, ele poderia ser o provedor da casa, mas o lugar de detentor da relação de poder do lar era ocupado pela esposa, que comandava a casa como um regista:

Então era isso, assim: ela, Zana, mandava e desmandava na casa, na empregada, nos filhos. Ele, paciência só, um Jó apaixonado e ardente aceitava, engolia cobras e lagartos, sempre fazendo as vontades dela, e, mesmo na velhice, mimando-a, “tocando o alaúde só para ela”, como costumava dizer.¹¹

O patriarca da família poderia não exercer o poder da relação no espaço dos afazeres domésticos, da ordem da casa e de seu casamento, porém ele exercia o poder no que diz respeito à relação sexual. Halim pratica seu poder com a cônjuge nos espaços da casa dedicados à atração carnal, na cama, na rede e no seu quarto. No leito conjugal o paisano, como era chamado por

¹⁰ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P. 50.

¹¹ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P. 54.

Abbas, deixava de ser o Jó paciente e tornava-se um demônio de luxuria insaciável, sendo que nos momentos de prazer ocupava de forma soberana os cômodos do casarão:

Com o tempo, ela acabou por se acostumar com os dois corpos acasalados, escandalosos, que não tinham hora nem lugar para o encontro. Nas manhãs de domingo Zana resistia aos galanteios de Halim e corria para a igreja Nossa Senhora dos Remédios. Mas ao regressar a casa, com a alma pura e o gosto da hóstia no céu da boca, Halim a erguia na soleira da porta e subia a escada carregando-a no colo. E, enquanto subia, deixava as alpercatas e o roupão nos degraus, e mais os sapatos, as meias, as anáguas e o vestido dela, de modo que entravam quase nus na alcova aromada por orquídeas brancas.¹²

No momento das relações sexuais com Zana, Halim exerce o papel de senhor da casa não importando o cômodo. A casa toda no início de seu casamento era seu leito conjugal, era seu quarto, espaço de poder. Nesse momento é possível perceber como o quarto torna-se um cômodo essencial para o patriarca da família, sendo peça chave para a leitura do personagem nesta pesquisa. Em seu quarto o esposo pode finalmente exercer uma vitória na relação de poder da casa, novamente mostrando como o poder não é algo fixo é sempre, ressaltando como esse conceito moldável é associado as relações sociais, como afirma Machado:

Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social, como tal, constituída historicamente.¹³

O espaço do seu quarto então transforma-se no ambiente no qual ele pode finalmente conseguir o que deseja, que no caso é o amor e o corpo da esposa e a relação de poder se volta para ele. O espaço quarto e a personagem Halim, possuem então essa forte ligação. Através do seu quarto é possível analisar sua presença e domínio na casa, que no momento da relação sexual torna-se a maior referência de poder. O quarto da personagem diz muito sobre ela mostrando como o desejo carnal é um dos seus principais objetivos. No início de seu casamento o quarto de Halim acaba sendo todo o casarão não tendo **limites** para suas relações sexuais.

Ainda mostrando a força de Halim no momento sexual, sua relação de poder como marido torna-se a dominante. Nesse contexto, o espaço da casa refletia isso, ele não se amedrontava com os olhares de Domingas, a empregada, e muito menos se intimidava pela fé de Zana. No cerne de seus encontros性uais Halim tinha mais poder que a própria hóstia consagrada, fazendo a beata esposa esquecer do prazer espiritual pela fruição carnal de seus

¹² HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P. 65.

¹³ MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.P. XVI.

corpos. Nesses momentos, o paisano é o foco de atenção da casa e de sua cônjuge, sendo, durante os desfrutes do prazer a figura central do seio familiar, e obtendo o maior número dos dados no jogo de poder e de sedução.

Nessa fase do romance Halim exerce o papel de senhor de seu casamento, pelo menos no quesito sexual, porém como dito anteriormente nas relações de poder familiar o patriarca dessa família expõe-se tanto a ganhar quanto a perder a disputa por esse poder, sendo por muitas vezes o derrotado, tanto pela mulher quanto pelos filhos. Então esse momento de maior número de posse dos dados não dura muito. Logo Halim é posto em segundo plano pela esposa por conta da morte de seu pai Galib. Mas o marido perde mesmo na relação de poder exercida pelos espaços da casa quando seus filhos nascem.

O nascimento dos gêmeos já é uma derrota no jogo de poder que ele tem com Zana, pois não era seu desejo ter a presença de filhos nos espaços da casa: ““Um filho é um desmancha-prazer”, dizia ele, sério”¹⁴. Assim Halim acaba perdendo mais a atenção e preferência da esposa, pois, agora com os filhos na casa, ele não poderia mais exercer seu poder de forma absoluta através do sexo. Afinal agora eles também ocupam o espaço, restringindo o pai ao seu quarto com Zana e não mais a todos os cômodos do casarão como era antes, estreitando mais a relação de Halim e seu quarto. No entanto o poder da personagem também é perdido nesse espaço, pois os filhos, mais especificamente Omar, acabam invadindo até mesmo o leito conjugal:

Halim perdeu o sossego logo que os filhos começaram a andar [...] Omar era o mais ousado: entrava no quarto dos pais durante a sesta e dava cambalhotas até expulsar Halim. Só aquietava quando Zana saía do quarto para brincar com ele no quintal. Os dois sentavam à sombra da seringueira, enquanto Halim, irritado, tinha vontade de trancar o Caçula no galinheiro abandonado desde a partida de Galib.¹⁵

Novamente a relação de Halim com o espaço de seu quarto é uma forma de ler a representação da sua relação de poder no meio familiar. Com o nascimento dos filhos o patriarca perde seus privilégios e sua forma de exercer seus poderes na casa, perdendo a atenção da esposa e até mesmo seu espaço particular de poder, a cama de seu quarto, lugar onde consumava o seu papel como marido e agora por culpa dos filhos não poderia mais partilhar o prazer carnal com a amada. Essa relação espaço/personagem é essencial para a leitura do romance, Luis Alberto Brandão ao comentar sobre os conceitos de espaço afirma:

¹⁴ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 66.

¹⁵ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P. 69.

Isso explica o fato de o espaço ser tomado tanto como algo dado, da ordem observável- o que o qualifica como categoria da própria realidade, do próprio mundo empírico- quanto algo que é da ordem do possível, daquilo que viabiliza a ocorrência de outras categorias: como condição de possibilidade. Por um lado, o espaço é determinado, resultado de determinações; por outro, é determinante, produtor de determinação.¹⁶

Seguindo esse pensamento, o quarto de Halim não é só seu espaço pessoal e particular pelo fato de a personagem o definir como tal, mas o próprio espaço determina que Halim tem lá seu lugar de conforto. Espaço fala sobre a personagem e a personagem diz sobre o espaço, os dois se complementando. Por isso quando os filhos insurgem, ocupando e invadindo a casa, o pai das crianças perde o seu poder sobre o casarão sendo seu único lugar de refúgio o quarto. Assim o espaço desse cômodo representa não só as paredes físicas que a personagem tem de privacidade e conforto, torna-se também uma representação metafórica de seu poder na relação com a família, no entanto, com já adiantado, o quarto também é invadido pelos filhos.

A partir desse momento o “homem da casa” a figura central do lar duplica-se na figura dos gêmeos, para Zana principalmente o Caçula. Omar toma o lugar do pai no espaço da casa, assim como criança toma seu espaço na cama, mostrando seu poder de encantar a mãe, a irmã e a empregada.

À medida em que Omar seduz a atenção da casa, Halim se volta para o espaço da loja. Contudo, é um lugar em que novamente ele não consegue exercer seu poder de forma satisfatória, primeiramente porque segundo o próprio ““Não tinha tempo nem cabeça para isso””¹⁷, não sendo um comerciante habilidoso, sem qualquer distinção em relação aos clientes. Além disso, com o passar dos anos e a chegada de sua velhice, a filha acaba assumindo seu papel na loja. Entretanto, a sua loja tornou-se um dos únicos lugares de segurança da personagem, chegando a dormir no armazém por conta de uma travessura de Omar. O comércio agora ocupando a função de refúgio que antes era seu quarto. Por isso também é o local onde o patriarca poderia exercer o seu diminuto poder, novamente de forma e cunho sexual, mas ainda uma pequena vitória desfrutada em um espaço também diminuto:

Quando Rânia nasceu, Halim já se conformara com o espaço limitado da alcova. Nas raras visitas de Zana à loja, ele mandava embora os fregueses e os jogadores, trancava as portas e subia com ela para o espaço pequeno do depósito, onde uma janelinha dava para o rio Negro. Passava horas ali, longe de três filhos e da órfã que os pajeava, longe das manhas e intromissões. Os dois a sós, como ele gostava. [...] Ao reabrir a loja, comemorava o encontro fazendo

¹⁶ BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013. P.. 56

¹⁷ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 65

uma liquidação das tralhas todas espalhadas no cubículo. Era uma festa cada vez mais rara.¹⁸

Na relação de poder entre marido e mulher Halim se sobressaia pelo sexo e afagos,- mesmo que Zana também pareça desfrutar e exercer seu poder através do sexo, novamente Halim acaba mais perdendo do que ganhando os jogos de poder- porém com os filhos sua relação de poder é exercida ou pelo respeito como no caso de sua relação com Rânia e Yaquib, ou pela violência como era praticada para com Omar. A relação do pai irritado e do filho boêmio é um eterno embate desde que o “Caçula” expulsou o pai da cama. Omar, usando da afeição da mãe, da irmã e da criada da casa para satisfazer seus caprichos, ofuscava o pai dentro do espaço familiar. Porém Halim exerce seu poder contra o filho caçula respondendo às suas aventuras noturnas e seus jogos de sedução com a mesma violência com que Omar trata o irmão Yaquib.

Essa relação de poder violento entre progenitor e prole é observada, por exemplo, no episódio em que o Omar traz uma mulher para casa durante a madrugada e pela manhã é castigado com brutalidade pelo pai:

O Valentão, o notívago, o conquistador de putas estatelado sobre o tapete. O Caçula não se levantou. O pai o acorrentou na maçaneta do cofre de aço, sentou-se uns minutos no sofá cinzento, tomou fôlego e saiu de casa. Sumiu por dois dias. Zana não pode interferir, não teve tempo de socorrer o filho. Ela esbravejou, gritou, sentiu-se mal ao ver o filho acorrentado, apoiado ao cofre enferrujado, a face esbofeteada em alto relevo.¹⁹

Nesse episódio, Halim joga com Omar o jogo das relações de poder nessa disputa, ainda um homem jovem e forte, o pai do gêmeo “vadio” se utiliza da força bruta para exercer sua dominância e punir o filho, ganhando a rodada. Além disso ao prender o filho ao cofre da casa é possível ter uma leitura de como o pai de Omar tem sobre ele um espaço de poder financeiro, o “Caçula” se diverte com o dinheiro do trabalho de Halim. Por isso, a imagem de Omar preso ao cofre possibilita um paralelo com a situação de o filho estar metaforicamente preso ao poder financeiro de seu pai.

A brutalidade como resposta também é usada pela personagem no episódio de sua briga com Azaz, da qual Halim volta machucado para casa, mesmo assim também ameaça brigar com Omar que estava espancando o irmão. Nesse trecho da trama, a personagem novamente ganha

¹⁸ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..70-71

¹⁹ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 92

a atenção da casa por seus machucados e se estabelece naquele momento como principal figura que exerce o poder da casa.

No entanto, como na maioria das demonstrações de poder do patriarca, seu período como foco do casarão e da esposa não dura muito e depois disso Halim só começa mais e mais a perder suas práticas de poder como “chefe da casa”. Primeiro perdeu o exercício do poder através da relação sexual com a esposa perdendo de vez o espaço de seu quarto. O marido não é capaz de competir com a saudade que Omar deixa em Zana no tempo que desaparece com a amante Pau-Mulato, algo que o afeta tanto que chega a comparar com a morte:

“Aí o nosso namoro amornou de vez”, murmurou Halim, traçando uns fios de tucum com os dedos. “Então começou o jejum das nossas brincadeiras, quer dizer, o jejum da vida. Tudo por causa dessa história com Pau-Mulato”.²⁰

Além de perder o poder no âmbito do sexo, Halim também não consegue exercer mais o poder sobre o filho rebelde através de sua violência, pois o principal obstáculo que impede as jogadas de Halim logo aparece, a velhice. Ao torna-se idoso, ele já não tem mais forças para castigar o filho e muito menos exercer o seu papel sexual como marido, o que já havia perdido primeiro. Logo a personagem perde seus principais dados no jogo de poder familiar. Agora vivendo os últimos anos de sua vida o antigo vendedor se transforma em um fardo, uma responsabilidade para os outros membros da família, um homem que vive mais tempo nas vielas do bairro do Educandos do que no espaço familiar.

Entretanto ele ainda carrega o poder da sedução, só que dessa vez ressignificado através da palavra, das estórias que conta para o neto Nael, exercendo sua influência apenas sobre ele e consequentemente sobre a narrativa que lemos. A decadência do poder de Halim é refletida pelos espaços os quais ele habita. Agora idoso, não é mais capaz de cuidar da loja, que tem Rânia como nova dona. A sua casa e seu quarto também já não são mais ambientes para desfrutar seu amor carnal pela esposa. Nesse momento o velho Halim é um homem que convive com espaços conflituosos, vivendo em bares da cidade flutuante e jogando dados para passar o tempo, ou contando suas velhas estórias para o neto curioso:

Quando vendia além da conta, fechava a loja mais cedo e entrava no traçado de ruelas do bairro agitado. Ia de casa em casa, cumprimentava esse e aquele e sentava à mesa do último boteco, onde tomava uns tragos e comprava peixe fresco dos compadres que chegava, dos lagos.²¹

²⁰ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 148

²¹ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 120

Ele não tem mais o lado quente da cama do leito conjugal, ou as carícias no interior do armazém da loja, nem mesmo é capaz de se manter de pé sem a ajuda de uma bengala. Agora a personagem experimenta o caos que são os momentos finais de sua vida. Seus espaços são as ruas e botecos, o pai da família do casarão agora se encontra mais entre os amigos do bairro do Educandos que na própria residência, seus espaços quarto e loja foram completamente dominados pelos filhos, não lhe permitindo mais participar do jogo das relações de poder.

Tal relação com o espaço que Halim habita nesse momento do romance pode ser lido como uma heterotopia de crise, a partir do que propõe Michel Foucault. No texto “Outros Espaços” o filósofo francês afirma:

Nas sociedades ditas “primitivas”, há uma certa forma de heterotopias que eu chamaria de heterotopias de crise, ou seja, que há lugares privilegiados, ou sagrados, ou proibidos, reservados aos indivíduos que se encontram, em relação à sociedade e ao meio humano no interior do qual eles vivem, em estado de crise. Os adolescentes, as mulheres na época da menstruação, as mulheres de resguardo, os velhos etc.²²

Esses espaços reais descrito por Michel Foucault são associados à noção de heterotopia de crise e caracterizam bem o momento final da vida da personagem Halim, salientando que um dos indivíduos citados pelo filósofo é justamente o velho. O espaço privilegiado para Halim – a heterotopia do idoso libanês – é a rua, é o bairro do Educandos agora que ele não é mais senhor de seu quarto, ou de sua loja ele então se torna uma figura da rua, um homem amigo dos bêbados e jogadores, lá nos botecos ele é adorado, lá é seu espaço sagrado, um espaço que o tempo impôs a ele. Os espaços dos bares do bairro manauara são sua Pasárgada, lá ele é amigo de todos, pode contar suas estórias e jogar o jogo de poder com os dados.

Entretanto, mesmo vivendo esse período de espaço de crise, em seus últimos momentos de vida Halim consegue recuperar um pouco as rédeas de seu espaço da casa, estremecendo a estrutura familiar e voltando a exercer uma espécie de poder póstumo:

Halim estava ali, de braços cruzados, sentado no sofá cinzento. Zana deu um passo na direção dele, perguntou-lhe por que dormia no sofá. Depois menos trêmula, conseguiu iluminar seu corpo e ainda teve coragem de fazer mais

²² FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa.2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. P.. 416

uma pergunta: por que tinha chegado tão tarde? Então com o sotaque árabe, ajoelhada, gritou o nome dele, já lhe tocando o rosto com as duas mãos Halim não respondeu.

Estava quieto como nunca.

Calado, para sempre.²³

No seu último suspiro de vida, Halim escolhe como “caixão”, último espaço que ocupará será a sala de estar de sua casa, não a rua e os botecos no meio das jogatinas de dados. Mesmo passando a noite toda fora de casa, o patriarca do casarão escolhe morrer dentro de sua casa. Então ele acaba exercendo novamente o poder da casa, sua morte torna-se o centro das atenções da família, pela última vez ele será o protagonista, o tema principal do casarão.

A admiração do neto, a raiva do Caçula e o luto de Zana e Rânia, a morte de Halim toma as outras personagens e as influencia, como por exemplo fazendo pela primeira vez a matriarca da família questionar Omar, o filho preferido. A morte do pai provoca, mesmo que simbolicamente, a discordância entre mãe e filho. O patriarca faz do espaço de sua morte um lugar significativo. Ele morre no centro da casa, na sala de estar. O cômodo comum naquele momento torna-se o cômodo só seu – como era no início de seu casamento, quando exercia seu poder nas realções sexuais em todos os ambientes da casa –, de sua despedida, seu último espaço ocupado, sua heterotopia final, seu último rolar de dados no jogo de poder. No fim a relação de poder de Halim com sua família acaba com ele ganhando.

Após analisar todos esses episódios é possível perceber como o espaço habitado pela personagem Halim estabelece também uma forte ligação com sua trajetória no exercício de seu poder no ambiente familiar e sua construção na trama do romance. Luis Alberto Brandão ao analisar as heterotopias de Foucault comenta como elas possibilitam uma leitura do espaço na literatura:

Trata-se, enfim, não de um problema concernente à descrição de espaços, mas à proposição destes, ainda que por meio da subversão, operada no universo ficcional, das funções que lhe são usualmente atribuídas. Trata-se, por exemplo, não de detectar mera inversão de polaridades espaciais (alto/baixo, dentro/fora etc.), mas de observar se tais polaridades são colocadas sob perspectiva, mediante o emprego de algum elemento- também reconhecido como espacial- que tensiona a estabilidade de pares opositivos.²⁴

Portanto, em *Dois Irmãos* o espaço não é capaz de ser lido apenas como cenário, mas ele é usado para compor a trama. No caso da personagem Halim o espaço de seu quarto, a casa, da loja e os botecos do bairro do Educandos e da cidade flutuante contam uma estória de uma

personagem que jogava seus dados no jogo das relações de poder, utilizando da violência dos punhos, dos afagos do sexo e da sedução das palavras. Entretanto a forma que esta pesquisa escolhe ler o espaço presente no livro não é capaz apenas de contar a estória do quarto do patriarca dessa família, também possibilita observar a estória do quarto da filha caçula da casa, quarto esse onde a sedução é fortemente presente.

²³ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..213

²⁴ BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013. P..

3) Herdeira da loja: Quarto de Sedução

Quando ela se afastava, alisava meu queixo como se eu tivesse uma barbicha e me beijava os olhos com os lábios cheios de saliva, e eu saía correndo para meu quarto

HATOUM, Milton, *Dois Irmãos*

O segundo quarto a ser aberto por esta pesquisa é o da herdeira da loja de Halim, a sua filha Rânia. A personagem da filha caçula da casa tem uma característica muito marcante em sua descrição no romance, um forte teor sedutor e sensual. Rânia, lembrada por Nael em seu relato, muitas vezes como uma mulher atraente e de uma beleza que encanta os homens e de personalidade forte. Não por acaso é que a principal vítima de seus filtros amatórios, de seu jogo de sedução é o narrador do livro Nael:

Rânia causava arrepios no meu corpo quase adolescente. Eu tinha gana de beijar e morder aqueles braços. Esperava com ânsia o abraço apertado, o único do ano. A espera era uma tortura. Eu ficava quieto, mas o fogaréu me queimava por dentro.²⁵

A sedução emanada por Rânia encanta o narrador do romance, através desses atos sedutores ela invade os pensamentos e desperta os desejos de fruição de Nael. A leitura desse espaço da sedução que a personagem exerce no romance também traz uma certa ambiguidade, pois como o romance é relatado na perspectiva do neto de Halim a figura sedutora da jovem torna-se ambígua. Ela é sedutora e por isso é descrita assim, ou pela paixão do seduzido Nael sua descrição torna seus atos sedutores? Essa ambiguidade da sedução é comentada pela professora Leyla Perrone-Moisés, em seu texto “Promessas Encantos e Amavios” ao comentar sobre o discurso sedutor da personagem Brejeirinha do conto “Partida do audaz navegante” e/ou de seu autor Guimarães Rosa:

É verdade que a fala de Brejeiriha está “transcrita” por um terrível sedutor que se chamava Guimarães Rosa. Mas o jogo aí é múltiplo e ambíguo. Quem seduz quem? A linguagem seduz Brejeirinha ou Brejeirinha seduz (desvia) a linguagem? A fala de Brejeirinha seduz Guimarães Rosa ou é apenas um

²⁵ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..97

artifício que ela usa para nos seduzir? E essa ambiguidade toda, não é a própria sedução?²⁶

Ao pensar na ambiguidade como algo que compõe a noção de sedução, a relação de Nael com Rânia é uma erótica demonstração da sedução presente na personagem e no narrador do romance, e por que não em Milton Hatoum? Porque ao não saber quem realmente seduz, se é a personagem ou o discurso do narrador faz a caçula ganhar ainda mais ares de sedutora. A linguagem do narrador então se torna também arma de sedução no momento em que a personagem toma seus relatos, o discurso de Nael torna o corpo de Rânia sensual, assim como o corpo da mulher sensualiza o discurso dele e ambos sensualizam o texto de Hatoum nesse “ménage literário e lingüístico”. Nessa relação de linguagem e prazer o pensador Roland Barthes afirma em *O prazer do texto*:

Parece que os eruditos árabes, falando do texto, empregam esta expressão admirável: o corpo certo. Que corpo? Temos muitos; o corpo dos anatomistas e dos fisiologistas; aquele que a ciência vê ou de que fala; é o texto dos gramáticos, dos críticos, dos comentadores, filólogos (é o fonotexto). Mas nós temos também um corpo de fruição feito unicamente de relações eróticas, sem qualquer relação com o primeiro: é um outro corte, uma outra nomeação; do mesmo modo o texto: ele não é senão a lista aberta dos fogos da linguagem.²⁷

No relato de Nael a corporeidade de Rânia e seu texto se unem chegando a um estado de fruição complementar. O prazer que a personagem exala para o narrador torna seu texto tão sensual quanto a própria personagem. O corpo certo dos árabes eruditos é o relato de Nael ao narrar o corpo de Rânia e suas ações sedutoras que se tornam nos relatos do filho da casa o fogo da linguagem, e o corpo certo é também o discurso de Milton Hatoum, que se compõe como corte dessa ambígua relação. Novamente a ambiguidade dessa relação sedutora que traz essa característica erótica para os elementos do romance ligados a personagem.

Ao apresentar toda essa leitura pelo viés da sedução, é possível perceber o quão a sensualidade é algo muito caro para a filha caçula. Como o seu pai- e muitos outros personagens desse romance- ela também utiliza a sedução para exercer seu poder, porém no caso de Rânia a sedução é seu único dado nesse jogo de poder nas relações familiares, sendo sua arma de restência. No entanto, ao contrário de Halim que tinha tentativas fracassadas de demonstração de poder, a moça escolhe os

²⁶ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Promessas, encantos e amavios. In: _____. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras 1990. p.13-20. P..15.

²⁷ BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.P.. 23-24.

momentos para exalar sua sensualidade, sendo bem mais bem sucedida que o pai em converter sedução em poder.

Rânia é uma jogadora perversa, ela guarda seus dados para o momento certo, sendo mais reservada, algo que a deixa ainda mais sedutora por esconder seus encantos e promessas. Como a outra personagem analisada nesta pesquisa Rânia também tem uma interação muito particular com o espaço de seu quarto. O quarto da personagem também é um ponto fundamental para analisá-la, um espaço que sustenta sua sensualidade e sedução. Seguindo um domínio sobre o espaço que se diferencia do de seu pai:

Ninguém soube o que fazia entre quatro paredes. Rânia foi esse ser enclausurado, e ai de quem a molestasse depois das oito, quando ela se resguardava do mundo. Saía do quarto na noite do aniversário da mãe e nas ceias natalinas.²⁸

Rânia e seu quarto então possuem essa forte relação, ao se resguardar a esse espaço a personagem se isola num mundo só seu, saindo de lá em momentos festivos. O leito dela é uma representação de seu corpo. A filha caçula da casa apenas permite entrar quem ela quer e utiliza desse espaço para atiçar a curiosidade da casa e dos pretendentes seduzidos pelos seus amavios em todos os aniversários de sua mãe. Rânia utiliza as promessas do espaço de seu quarto, de entrar em seu íntimo, nesse caso o íntimo representando o ato sexual. O desejo de entrar no interior de seu quarto é também o de entrar no interior de seu corpo, desfrutar de seu leito em todos os sentidos possíveis.

Conforme salientado, o auge da prática de seu poder sedutor é claramente nos momentos festivos, mas especificamente os aniversários de sua mãe. Rânia tem prazer em ser desejada nesses momentos, atraindo os olhares todos os anos de algum pretendente que tenta conquistá-la na comemoração de mais uma primavera de Zana. Entretanto, ano após ano, o “escolhido” sempre saia decepcionado:

Mas aceitava o convite para dançar, fingindo-se tímida e distante nos primeiros passos; aos poucos aos braços morenos enlaçavam-lhe as costas, as mãos apertavam-lhe a cintura, e, de olhos fechados, ela apoiava o queixo no ombro direto do dançarino. Nesse momento, Zana apagava as lâmpadas da sala e torcia para que da dança surgisse um namoro ou uma promessa de noivado. Surgia um homem ressentido, que via Rânia interromper

²⁸ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..94

bruscamente a dança e atirar-se nos braços do Caçula quando este entrava na sala.²⁹

Seduzindo os pretendentes e logo depois se jogando nos braços do irmão, a personagem mostra que o controle da situação é seu. A sedução é a sua forma de exercer poder, Rânia acaba deixando os galanteadores que a desejam desnorteados. A promessa de adentrar em seu íntimo fica lá em suspensão, porém ela os deixa, apenas, à deriva. Ela os encanta à noite toda somente para decepcioná-los e também à mãe. A personagem faz isso principalmente para vingar-se de Zana por não permitir que ela namorasse o homem que amava, a sedução é utilizada nesse contexto pela personagem como sua arma de vingança e resistência contra mãe. Assim, seduz para deixá-los à deriva. Essa relação de sedução e deriva também é ressaltada por Roland Barthes, ao comentar sobre os encantos do texto:

O prazer do texto não é forçosamente do tipo triunfante, heroico, músculos. Não tem necessidade de se arquear. Meu prazer pode muito bem assumir a forma de uma deriva. A deriva advém de toda vez que eu não respeito o todo e que, à força de parecer arrastado aqui e ali ao sabor das ilusões, seduções e intimidações da linguagem, qual uma rolha sobre as ondas, permaneço imóvel, girando em torno da fruição.³⁰

O poder sedutor de Rânia, em diálogo com esse trecho do livro de Barthes, está ligado a deixar seus pretendentes à deriva como a garrafa descrita pelo crítico francês. A personagem permite que os homens de sua vida sejam somente os irmãos e, mais tarde, Nael, enquanto todos os outros ficam sob as ondas de seus encantos.

Voltando à questão da relação espaço e personagem. Esses dois elementos se encontram na leitura do romance novamente. O quarto de Rânia não representa apenas o espaço físico, mas também o espaço psicológico da personagem. Em relação à teoria do espaço, novamente volto a principal base teórica desta pesquisa no que se refere à concepção de espaço, as palavras de Luis Alberto Brandão:

Tem-se, assim por um lado o espaço natural (também denominado físico, geográfico, cosmológico); por outro, o espaço construído, ou produzido, decorrente de ação humana-concreta ou simbólica. No primeiro caso se insere a vertente que vincula o espaço à percepção, à esfera do sensível. Aqui se costuma defender a impossibilidade de dissociar espaço e corpo. [...]No segundo caso, tem-se o espaço subsumido em modelos, seja de configuração social, seja de complexão psicológica.³¹

²⁹ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P.. 97-98.

³⁰BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004. P.. 26.

³¹ BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013.P.. 57

Rânia e seu quarto, ao serem lidos sob a perspectiva da primeira leitura de espaço descrita pelo crítico, têm uma relação que é impossível de desvincular, aqui espaço e personagem têm uma simbiose na qual o espaço diz muito sobre ela e o contrário também se repete. A filha caçula é a figura isolada da casa, não tendo a mesma dinâmica dos outros membros da família e por isso escolhe a reclusão. Quanto ao quarto, por ser esse espaço isolado, ilustra a escolha da personagem de se separar do resto da casa.

Assim, como no que se refere à maioria das personagens do romance, a relação espaço e personagem cruza-se e sustenta o romance. Essa afirmação também ressalta mais a hipótese de que o espaço do quarto pode representar o espaço do corpo da personagem, sendo uma metáfora para seus desejos, que determinam quem entra ou não no seu espaço, quarto e corpo. Rânia não permite, por exemplo, que a mãe ou qualquer outra personagem comandem seu desejo e seu espaço, em seu quarto entra somente quem ela permite entrar, a caçula é dona do espaço e de seu corpo.

A segunda leitura também pode ser observada na relação de Rânia com seu quarto. Como dito antes, o cômodo representa a psiquê da personagem, ela não tem a mesma atenção da mãe pelos irmãos, como já salientado, ela está fora dessa relação familiar. Rânia não é a principal preocupação de ninguém, Halim tem o neto e a esposa: Domingas, a casa e o filho; e até mesmo Nael que a deseja se importa muito mais com a descoberta de seu passado do que com a filha caçula da casa. A personagem então se isola no quarto, pois ela é a isolada da casa, a figura distante, sua psique não está presa ao ambiente da casa ou dos outros membros, Rânia pensa em si mesma com autonomia, ela é a sua prioridade. Por esse motivo, ela é a primeira personagem a morar em outro lugar, o espaço dela é seu quarto não o casarão da família.

Comentando sobre a segunda afirmação do crítico, o espaço do quarto da personagem também representa o seu papel social como a filha mulher da casa. A sedutora caçula não possui a mesma liberdade dos irmãos que vivem longe de seus quartos. Não, como a filha moça, ela deve habitar a casa e não viver na boemia de Manaus ou nos cálculos matemáticos de São Paulo, como gêmeos.

O espaço social também é abordado por Luis Alberto Brandão, ao comentar sobre a representação desses espaços no âmbito literário o autor afirma:

Mas há também os significados tidos como translatos. O “espaço social” é tomado como sinônimo de conjuntura histórica, econômica, cultural e ideológica, noções compreendidas de acordo com balizas mais ou menos deterministas.³²

O espaço social de Rânia é o esperado por Zana, a mãe da personagem deseja que ela case com um homem de boa família e seja uma moça respeitada. No entanto, a jovem quebra as expectativas, rompe com os desejos da mãe e com o tradicional espaço social relegado à mulher. Rânia rejeita os pretendentes e começa a trabalhar na loja do pai, sendo a herdeira do negócio que sustentou a família. O quarto e a loja então se tornam os principais espaços ocupados pela personagem, algo que lembra a trajetória de Halim. Porém, ao contrário do pai, Rânia exerce com mais força o seu poder sobre a loja e sobre seu quarto, chegando a ser a “dona” das relações de poder desses espaços.

Em relação à loja a personagem primeiramente toma conta da organização, mudando os produtos vendidos pelo pai e domando os clientes. A transformação do espaço herdado por Rânia também acontece de forma física quando ela reforma o comercio com o dinheiro dado pelo irmão:

Rânia dirigiu a reforma da loja. Eu a ajudei a embrigar e rebocar a fachada, ela mesma pegou nas brochas e pintou todas as paredes de verde. Minha ajuda não foi inútil, mas quem trabalhasse ao lado de Rânia tinha a sensação de que estava atrapalhando.³³

A personagem se apodera desses espaços da loja e de seu quarto os tomindo como um bem somente dela. Rânia exerce poder sobre os espaços e rompe com as expectativas sociais impostas a ela, escolhendo com o que trabalhar e quem deixar entrar em seu leito. A jovem tem o controle desses espaços os utilizando como ambientes de resistência, tomindo para si o protagonismo físico e psicológico dos lugares. Ela acaba fazendo isso com o espaço do texto de Nael também, pois quando entra nos seus relatos, Rânia seduz o narrador fazendo com que ela se torne o foco de seus desejos carnais.

Novamente Rânia e Halim têm muito em comum com suas relações com os espaços do romance. O quarto da filha e o espaço da loja também são suas heterotopias, a personagem usa esses espaços como fuga do ambiente da casa e do espaço social que lhe seria reservado como mulher. Então ao se distanciar do ambiente familiar, a filha caçula não toma o espaço de ser a mulher da casa, papel de sua mãe, nem a filha caçula paparicada, papel ocupado por Omar que é chamado de “Caçula” muitas vezes por Nael e Zana.

³² BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013. P..59.

³³ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.P.. 130.

Rânia então toma seu quarto como o espaço no qual ela pode ser a mulher da casa, ela escolhe quem entra e pode desfrutar de sua companhia lá. O cômodo também é utilizado para sustentar a sua sedução nas festas, deixando seus pretendentes à deriva no salão do casarão e regressando ao seu quarto. Sendo que a leitura empreendida nesta pesquisa também permite analisar que no ambiente de seu quarto Rânia demonstra a liberdade de seu corpo, quando ela escolhe quem terá o prazer de tocá-lo, da mesma forma que escolhe quem pode habitar seu leito.

Algo interessante é que, assim como os personagens do romance, o leitor também não é capaz de ver o quarto de Rânia. Em nenhum momento da trama o quarto da personagem é aberto ao leitor que assim como os pretendentes também fica à deriva do espaço particular dela. O quarto da filha caçula então é um espaço apenas dela também no campo linguístico da obra, pois nem mesmo o leitor é capaz de penetrá-lo, ele não tem a permissão da personagem para partilhar da fruição de seu leito.

Tal característica e movimento de Rânia em deixar aberto e/ou fechado o convite para habitar seu quarto podem ser lidos como um dos princípios das heterotopias - no caso o quinto princípio- apontado por Michel Foucault:

Quinto princípio. As heterotopias supõem sempre um sistema de abertura e fechamento que, simultaneamente, as isola e as torna penetráveis. Em geral, não se chega a um posicionamento heterotópico como a um moinho. Ou se é obrigado, como é o caso da caserna, o caso da prisão, ou é preciso se submeter a ritos e purificações. Só se pode entrar com uma certa permissão e depois que se cumpriu um certo número de gestos.³⁴

A heterotopia do quarto de Rânia então se caracteriza por essa condição, o seu ritual de purificação, o jogo de sedução da caçula. Para entrar nessa heterotopia é necessário ter o amor de Rânia e sua permissão. A personagem tem como foco na vida duas coisas apenas: a loja e os irmãos, conforme o próprio narrador afirma: “Rânia queria os irmãos perto dela, desejava a intimidade de ambos. A intimidade e compulsão pelo trabalho dariam muito mais sentido à sua vida”³⁵.

Então, por esse motivo, a jovem dá a permissão de entrar em seu quarto para Yaqub, em uma cena ambígua com o teor sexual muito presente, e que também mostra como quarto e corpo estão ligados. Dessa forma podendo ter uma leitura do corpo, e do quarto, da personagem como espaço heterotópico que depende de sua permissão para adentrar:

³⁴ FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Organização e seleção de textos, Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa.2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009. P..420.³⁵ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..229.

As pernas dela, morenas e rijas, roçavam as do irmão; ela acariciava-lhe o rosto com a ponta dos dedos, e Yaqub, embevecido, ficava menos sisudo. Como ela se tornava sensual na presença de um irmão! Com esse ou com o outro, formava um par promissor. [...] Ainda chovia muito quando a vi subir a escada, de mãos dadas com Yaqub; entraram no quarto dela, alguém fechou a porta e nesse momento minha imaginação ocorreu solta. Só desceram para comer.³⁶

Esse episódio mostra que a condição para adentrar a heterotopia de Rânia é a sedução, quem for capaz de encantá-la pode entrar em seu quarto. Por isso o seu irmão é capaz de entrar, enquanto seus pretendentes permanecem à deriva. O trecho também comprova o caráter sedutor do texto de Milton Hatoum, em especial quando Rânia se torna presente no romance. Nesses momentos, a descrição tem um forte teor erótico, mas é a ambiguidade do relato de Nael e da escrita de Hatoum que traz o real prazer sedutor do texto, como já dito antes nesta pesquisa.

Nael não sabe se realmente os irmãos tiveram algum tipo de relação carnal, a incerteza deixa o momento ainda mais erótico. A fruição e a sedução fazem-se presentes, pois assim como os pretendentes de Rânia, o leitor e o narrador ficam à deriva dos acontecimentos que efetivamente aconteceram, não entrando em seu quarto. Estes apenas imaginam, sonham com o que pode ter acontecido de verdade. Naquele espaço no qual Rânia é a única e verdadeira dona dos traiçoeiros filtros amatórios nem o leitor é capaz de adentrar.

Outro homem que é capaz de habitar na heterotopia de Rânia é Nael. No entanto, no caso do dono das memórias narradas, ele não entra no espaço de seu quarto, mas na heterotopia da loja. Lá, enquanto eles guardavam as novas encomendas e produtos, Nael foi capaz de se purificar e se adequar nas condições que a dona do lugar exige. Por esse motivo também após partilhar o espaço carnal a personagem pode também partilhar o espaço de seus pensamentos com o filho da casa:

Ela ofegava. E não se esquivou do meu corpo nem evitou meu abraço, meus afagos, os meus beijos que eu desejava fazia tanto tempo. Pediu que eu apagasse a luz, e passamos horas juntos naquele suadouro. Aquela noite foi uma das mais desejadas da minha vida. [...] "... Desprezei todos aqueles pretendentes... alguns até hoje aparecem aqui, fingem que querem comprar e acabam comprando as porcarias encalhadas... os restos... tudo o que eu não vendo durante o ano. Agora é esse o meu mundo... sou dona de tudo isso."³⁷

³⁶ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..117.

³⁷ HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022. P..206-207

Nesse momento Nael está dentro da heterotopia de Rânia e mais uma vez mostra como o espaço do corpo dela também reflete aos espaços físicos do quarto e da loja. A personagem só tem relações com Nael e, supostamente, com o irmão nesses lugares fechados e reservados em que ela é dona. É nesse momento, após a relação sexual, que a filha vocaliza que herdou a loja do pai. Ao partilhar o espaço de seu corpo na loja, Rânia também se aproxima de Halim, que muitas vezes fez isso no mesmo porão da loja, mas agora com Nael a personagem se permite compartilhar por alguns instantes sua heterotopia.

Rânia então além de sedutora também se revela seduzida, seja pelos presentes trazidos de São Paulo por Yaqub, pelos carinhos com intenções de conquistar algum dinheiro vindos de Omar ou pelos beijos cheios de desejo de Nael, enquanto partilham seus corpos dentro do porão da loja. Há ainda o desejo de desafiar as vontades da mãe e se dedicar a essa vida distante da tradicional vida de “moça de família”. A ideia de o sedutor ser também um seduzido está presente no texto de Leyla Perrone-Moisés, que foi um dos nossos guias neste capítulo:

Segundo Sibony, numa relação de sedução os dois parceiros são os sacerdotes de uma cerimônia, que consiste em presentificar a fantasia da sedução primeira. Isso dá à sedução uma dimensão quase simbólica, que é a de todo ritual. Os parceiros são aí dois servidores, que se sacrificam para fazer existir o Outro, isto é, o inconsciente.³⁸

Portanto, a sedução exercida por Rânia também permite que ela esteja no papel de seduzida. O jogo da personagem está presente nessas duas ações que se complementam. O ambiente do quarto também a seduz se pensarmos na leitura do espaço como esse desvio. Em sua heterotopia, a personagem é livre em suas escolhas, dona de seus prazeres. Porém é a loja que a seduz mais lá, ela pode mandar, organizar os produtos e seduzir os clientes. Então Rânia é seduzida também por esse espaço.

Novamente, como no caso do pai, o espaço do seu quarto representa seu lugar de fuga, colaborando para certa leitura da personagem. Por esse motivo o quarto é um espaço que compartilha seu ar sedutor, representando seu corpo e seu estado psicológico, lembrando mais uma vez que é um espaço em que o leitor não é capaz de penetrar. A loja herdada de seu pai também é um espaço de fuga, mas de fuga social, lá Rânia não precisa ser a mulher que a sociedade e a mãe esperam dela.

Em sua loja ela seduz os clientes como boa vendedora fazendo-os comprarem seus restos. Ao se recolher sozinha no quarto, ela deixa seus pretendentes à deriva no salão dos

³⁸ PERRONE-MOISÉS, Leyla. Promessas, encantos e amavios. In: _____. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras 1990. p.13-20. P..17

aniversários da mãe. A entrada, a presença só são permitidas por quem ela seduz, também se deixando seduzir. Por fim, no corpo do texto dos relatos de Nael e no romance de Hatoum, Rânia ganha sua mais perigosa arma de sedução, a linguagem. Nas memórias do neto de Halim, a personagem é a senhora dos desejos, encantando o narrador do romance. Por esse desvio, Rânia seduz a própria narrativa.

4) Fim da visita aos quartos e à loja

Passei a parte da tarde com as palavras do poeta inédito e a voz do amante de Zana. Ia de um para o outro, e essa alternância- o jogo de lembranças e esquecimentos- me dava prazer.

HATOUM, Milton. *Dois Irmãos*

Um fato que me deixou muito feliz ao iniciar esta pesquisa, foi que no início do projeto – quando já havia decidido trabalhar com *Dois irmãos* – eu tive a oportunidade de voltar a Manaus. A leitura dos primeiros capítulos do livro foi feita em minha cidade natal, lá pude ler sobre espaços os quais no dia seguinte estava também percorrendo. Foi a primeira vez que o texto de Milton Hatoum entrou em fruição comigo, com a minha Manaus ficcional construída pelas minhas memórias. O prazer de ter a leitura desses dois espaços entrando em comunhão na minha cabeça foi o que talvez inconscientemente tenha motivado a abordagem do tema espaço nesta pesquisa.

Agora, ao fim desta outravisita, carregada de imagens e espaços ambivalentes, entre a loja e os quartos de um pai e de uma filha, sou capaz de observar o quanto importante é a relação dos elementos personagem e espaço para leitura do romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. O espaço é algo muito caro, desde a cidade de Manaus com todos seus dualismos até o ambiente da casa, principalmente esses espaços subjetivos e individuais partilhados por Halim e Rânia.

Reencontrando-me novamente com a obra de meu conterrâneo e desta vez ao fim de minha graduação, fui capaz de entrar em completo estado de fruição do texto. A literatura de Hatoum através de seus personagens e espaços me levaram ao prazer de compreender como esses conceitos vastos de poder, espaço e sedução conformam a estrutura de *Dois irmãos* e como a obra é rica também de significados advindos desses conceitos.

Ao traçar o recorte dos espaços de um pai e uma filha é possível observar uma leitura de trajetórias opostas. Halim começa o romance com suas relações de poder se expandindo pela casa, o seu leito conjugal toma o espaço da casa toda e suas palavras sedutoras encantam a esposa que tem nele seu único foco de amor. Porém ao envelhecer a personagem vai perdendo cada vez mais o espaço da casa e do amor da esposa

Seu leito é ocupado pelo filho Omar, Zana se encanta mais pelos charmes do filho e sua maior preocupação torna-se o “Caçula”. Então Halim volta-se à loja tentando lá ter seu ambiente

de poder, no entanto mais uma vez seu espaço é surrupiado por conta de sua idade. Halim perde completamente o exercício de seu poder vivendo na heterotopia de crise da velhice. O idoso agora só tem espaço na rua e nos relatos de seu neto. Halim assim tem uma relação com o espaço através da ocupação dele, tentando ocupar os lugares de poder.

Enquanto seu pai tem uma trajetória de decadência em confluência com os espaços, Rânia usa a sedução para construir sua ascensão ao mesmo tempo que exerce seu poder nos espaços de resistência. A jovem sedutora começa apenas no seu pequeno ambiente do quarto, mas logo toma a atenção dos pretendentes da festa e do espaço do desejo e da linguagem. A personagem também tem espaço nos relatos de Nael, mas ao contrário das estórias da avó, ela toma para si a oportunidade de ser o vértice do texto. Nael é desviado do caminho e atraído para os encantos da moça.

Seu quarto representa de forma metafórica seu corpo sensual, um lugar que é objeto de desejo de muitos, mas que só ela pode estabelecer as condições para se desfrutar de sua heterotopia sensual. Rânia toma os espaços para si, por isso herda a loja do pai e se torna vendedora, uma profissão perfeita para uma sedutora como ela. A personagem encanta a todos, os clientes, os pretendentes o texto e os leitores, mesmo em nenhum momento partilhando seu quarto com eles.

Algo que também gostaria de ressaltar sobre a riqueza das diversas leituras de um texto literário é o quanto não pude abordar e comentar. Por conta de um semestre que dura três meses corridos um sobre o outro não pude ter o tempo ideal para abordar tudo que gostaria de falar. Por esse motivo, por exemplo, a escolha do texto do filosofo Roberto Machado como principal aporte teórico sobre poder e não os textos do próprio Michel Foucault.

No entanto, esta pesquisa não termina na última linha deste texto, ainda acredito que poderei aproveitar muito desses estudos e da obra para meu futuro acadêmico, com prazos e calendários mais viáveis. Além disso, mesmo com todas essas adversidades não sinto vergonha nem frustração, a pesquisa sempre me deu prazer. Analisar *Dois Irmãos* me permitiu ver que não só como leitor que busca na literatura entretenimento, mas também como pesquisador sou capaz de chegar ao prazer do texto.

Posso dizer, ainda, que através da análise literária e da obra de Milton Hatoum tenho hoje três imagens de Manaus na memória. A prazerosa Manaus do século XXI, vivido por mim, com seus ares modernos, igarapés poluídos e cultura urbana forte. A cidade das estórias de minha avó de bairros caricatos, estórias cômicas e espaços míticos que já estão longe de seu auge segundo minha nostálgica Sherazade. Por último, agora graças à literatura, em minha

memória habita a Manaus de fruição ficcional edificada e narrada por Hatoum, esse exímio sedutor: uma cidade que conta a estória de dois irmãos e um jovem que não conhece seu pai, e no caso desta pesquisa permite também lembrar de um pai e de uma filha...

Referências

- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Teoria do espaço literário*. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte, Mg: FAPEMIG, 2013.
- BRANDÃO, Luis Alberto. Vozes estranhas. O imaginário linguístico: Milton Hatoum. In: ___. *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Lamparina editora, 2005.
- FOUCAULT, Michel. *Estética: literatura e pintura, música e cinema. Organização e seleção de textos*, Manoel Barros da Motta; tradução, Inês Autran Dourado Barbosa.2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- HATOUM, Milton. *Dois irmãos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- MACHADO, Roberto. *Por uma genealogia do poder*. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- PELLEGRINI, Tania. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado Pellegrini. *Luso-Brazilian Rev.*, v. 41, n. 1, 2004, p. 121-138
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A cidade flutuante. *Folha de São Paulo*, São Paulo: 12 ago. 2000, Caderno de resenhas, p. 7.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. Promessas, encantos e amavios. In: _____. *Flores da escrivaninha: ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras 1990. p.13-20